

6025
MPL

CONCEITO INGENUO

A' CERCA DO VALOR

DA

HOMOEOPATHIA.

THESEN

Que foi defendida perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 19 de Dezembro de 1844,

POR

Jacinto Soares Rebello

FILHO LEGITIMO DE JACINTHO LUCIANO SOARES REBELLO, NATURAL DA
ILHA DE S. MIGUEL,

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.

Quod mihi bonum
videtur, probo.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DE N. L. VIANNA.

1844.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

OS SENHORES DOUTORES — *Lentes Proprietarios.*

Joaquim José da Silva..... Director interino.

ANNOS		
1.º	}	F. de P. Candido..... } Physica.
		F. F. Allemão..... } Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.
2.º	}	J. V. Torres Homem... } Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
		J. Mauricio N. Garcia..... } Anatomia geral, e descriptiva.
3.º	}	J. Mauricio N. Garcia..... } Anatomia geral, e descriptiva.
		L. de A. P. da Cunha..... } Physiologia.
4.º	}	L. F. Ferreira..... } Pathologia externa.
		J. J. da Silva..... } Pathologia interna.
		J. J. de Carvalho..... <i>Supplente</i> } Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de Formular.
5.º	}	C. B. Monteiro... } Operações, Anatomia Topographica, e Apparehos.
		F. J. Xavier..... <i>Examinador</i> } Partos, Molestias de mulheres pedadas, e paridas, e de meninos recém-nascidos.
6.º	}	T. G. dos Santos.... <i>Examinador</i> } Hygiene, e Historia de Medicina.
		J. M. da C. Jobim..... } Medicina Legal.

M. F. P. de Carvalho..... Clinica externa, e Anatomia Pathologica respectiva.

Manoel de V. Pimentel.... *Presidente*..... Clinica interna, e Anatomia Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

J. B. da Roza..... <i>Examinador</i>	}	Secção Medica.
A. F. Martins.....		
D. M. d'A. Americano... ..	}	Secção Cirurgica.
L. da C. Feijó.....		
A. Maria de Miranda Castro. <i>Examinador</i> ..	}	Secção de Sciencias Accessorias
Francisco Gabriel da Rocha Freire.....		

SECRETARIO

Luiz Carlos da Fonseca.

A' FORTUNA.

Infernal veneno da virtude de tantas almas, que para ostentar a obra de um Deos nascerão, desperta! Desperta, vibora de tantos males sedenta, de que tu mesma origem es, mas que para escarneo de tua ignorancia, se não sempre, muitas vezes inestimaveis são bens, que dos teus protegidos a maior parte nem conhece, dos quaes nem é digno! Desperta; do curto somno d'esquecimento, que dormindo parece a meu respeito estar, acorda; acorda, que a minha these está feita: ja está no prelo.

Mas de mim dormes tu esquecida, ou, como o vil, como o covarde, que face a face um inimigo formidavel não podendo a seus pes abater, conscio da propria fraquesa, em chamas de vingança inflammado, perfido nefanda traição machina encoberta, novos planos estudas, que em maduro ensejo, aguardando surprender-me, mostrar pretendes, e então que o somno finges, mas que não dormes?

Qual for, seja embora a verdade; outra verdade, a que unica m'importa, é que, ou durmas, ou incidies, se no somno, que da morte é imagem, com a imagem de um cadaver lucha em defesa não tenho a sustentar, contra os aggressos de tua covardia, nem de lucha depende a victoria, ella minha será, que a nobresa sem armas, e sem pelejar de sobejo é força para vencel-os. Sim; tu o sabes.

Não te lembra, como tenho eu resesitado aos repetidos ataques, que durante a minha carreira de capricho, para interrompel-a, ao encontro adversos m'enviaste? Não vês n'esse longo caminho juncado d'espinhos de distancia em distancia um pendão em tropheo arvorado onde a Victoria escreveo « Vence a innocencia a maldade, triumpho do vicio a virtude, da infamia zomba a nobresa, da opulencia a inopia escarnece, ao saber a ignorancia se curva, e muitas vezes o fraco o forte subjuga?! »

Não vês!... te perguntei eu... como has de tu ver, se uma venda os olhos te cega! Ah! e talvez que, se viras, conhecesses; e talvez que, se conheceras, mais justa fôras sempre, e te não enganaras à cerca do merito, na protecção e na guerra, que são teu officio, aquella dar, ésta ao homem fazer!

Ora pois que durante os oito annos de minha vida moral, porque nos primeiros quinze foi ella quase apenas de nutrição, tenho lutado continuamente contra a injusta perseguição, que, ou por engano, ou espontaneamente de tão diversos modos me tens feito, cuja historia te não quero n'este escripto lembrar, porque me seria forçoso avivar feridas, que o tempo vai começando a curar, porque tão indispensavel, como doloroso me seria com o pejo da honra a face de rubro tingir (tu sabes e mais alguém a quem me refiro, e ao que alludo, é quanto basta) e que em tudo tenho vencido, excepto no não poder findar uma auzencia, que, se durante esses oito annos d'experiencia do mundo, posto que em parte sensivel, era simultaneamente suavizada pela nobresa de um capricho, que um santo amor tornava uma necessidade, vai do dia 20 d'este Dezembro em diante em verdadeiro desterro

transfigurar-se, ao terminar essa carreira, que de balde quizeste tantas vezes interromper mandando-me a lei escrever uma these, em cuja dedicatória posso um monumento de gratidão estatuir, a quem a offerecerei? A's raizes d'onde brotei apoz uma vida fraca haver recebido, e o crescimento fetal ter completado? A's generosas defensoras d'essa vida extenuada, sem cujos mais que extremosos disvelos, mais que maternas cuidados houvera perecido, sem permittir-me o prazer gozar de as conhecer, para as amar? (O' meu Pai! O' minhas Mães! o amor d'este filho, que com indisivel prazer estes nomes, quando a vós os dirige, pronuncia, é um fogo, que n'alma a Natureza lhe accendeo, e que a educação, que lhe destes, alimenta; esse fogo é a violencia de uma paixão; essa paixão me faz curvar resistindo á força, com que para junto a vós me puxa; e porque hei-de a tão natural impulso resistir?! Eis o que incomprehensivel parece: é porque a Moral guerreia a Natureza; é porque a Honra vence Paixões: assim m'o ensinastes, e em verdade assim é; resignemo-nos por tanto á sorte adversa!) A quem a offerecerei? A algum dos parentes, ou dos muitos amigos, a que sou de diferentes modos agradecido? Não; não, maldita; nem aos primeiros, nem aos segundos, cujos nomes nem aqui escrevo, porque ao ler cada um d'elles a minha dedicatória, n'ella o seu supporá estampado; estes e aquelles todos conhecem os meus sentimentos, nem o nome d'amigo poderíamos eu e elles mutuamente trocar, se não conhecessem, que eu o sou; e o sentimento d'amizade não pôde deixar de incluir o de gratidão; todos elles, os primeiros e os segundos não so se não offenderão, mas até louvarão, que, offerecendo-t'a, assim eu proceda.

Fosse em ti pois um engano, fosse uma maldade imperdoavel, fosse em fim um sabio favor, porque a tua perseguição sem frustar o meu trabalho os olhos me abriu, que na sociedade para o mundo devem olhar, acceita, recebe em offerenda as minhas primicias litterarias, ou com signal de perdão, se por engano me perseguistes, e de o fazer estás hoje arrependida; ou como castigo, com que a generosidade de um vencedor escolhe punir-te, para ensinar-te a ser no futuro mais prudente e mais justa para com quem, em vez de perseguição, protecção deva antes merecer-te; ou em fim como o mais valioso galardão, que em penhor de gratidão pôde offerter-te o homem, a quem fizeste um inestimavel favor, de que elle carecia, que conhece, e de que se aproveitará. E quem sabe, se não foi este o teu unico fim!?

INTRODUÇÃO.

Quod mihi bonum
videtur, proba.

Gemeos a Medicina e o primeiro ser da raça humana, a este nascer imperfecto e incapaz de curar de si proprio para viver e crescer, áquella tocar logo ao nascer a perfeição, e não carecer de cuidados alheios para conservar-se, e perseverar illesa; a um ser sujeito ao sem numero de necessidades, que emanando da vida a vida gastão, e andar exposto á influencia d'uma multidão d'agentes de destruição, á outra zombar de todas as causas de devastação de qualquer especie, e ainda ser o instrumento de guerra e exterminio de muitas dellas; ao ultimo viver pouco e soffrer muito, á primeira longos seculos perdurar, e aos homens de muitos males alliviar, taes são sem duvida algumas das principaes condições, que a Natureza assignou á existencia do Homem e da Medicina, seres na essencia dessemelhantes, mas cada qual em seu genero obra prima, em cuja criação assaz ella mostrou a excellencia de seu poder!

Cinco mil oitocentas e quarenta e quatro vezes, porque mais longe a tradição remontar não póde, e por isso não pode o homem tambem sabe-lo, affirmão os chamados sabios, que os signos do Zodiaco tem o Sol visitado; cincoenta e oito seculos oito lustros e quatro annos d'idade conta pois por este calculo a Medicina, essa velha misteriosa, que a despeito d'uma longevidade quase sem igual, senão no tempo, tem todavia continuamente sido um emblema de mocidade em consequencia de mudanças, não em si propria, porque em si propria é immutavel, mas nas extravagancias intellectuaes dos homens, que tem presumido descortinar os arcanos até hoje impenetraveis, que a constituem, e cuja sciencia parece, que a Natureza tem decretado perpetuamente aos homens occultar!

Desde que o primeiro homem, depois de gosar saude, a primeira vez soffreu, a existencia da Medicina foi suspeitada; desde esse momento em diante os acasos e algumas lembranças felizes, porque a razão, ainda inculta, não conhecia então o arido deserto das conjecturas, por onde hoje vaga errante, forão pouco a pouco aos homens ensinando, como suavisar os males, a que a vida os traz expostos, porém isto de um modo, a que hoje no seculo das luzes se chama irracionalmente empirico, porque nesse tempo ainda os *fachos da razão incendiados* não haviam sido.

Monopolio de Padres, objecto de odiosas controversias entre medicos e philosophos, phantasma de vãs superstições, fonte d'ignobil fanatismo tudo foi a Medicina nesses seculos de ferro, em que o homem, antes um automato, do que um ente racional, reputava um crime inexpiavel, senão pela morte, a substituição d'um erro por uma verdade recém descoberta!

Algum tempo depois começou a tornar-se um pouco mais diaphano o denso nevoeiro, que entrepunha aos olhos do homem e aos limites do horizonte scientifico, que elle podia lóbrigar, uma venda assaz espessa e opaca para ser

à vista impenetravel; surgiu da possibilidade o primeiro genio medico da antiguidade no espirito do venerando Hippocrates, e a Medicina estreou entao a forma de sciencia na intelligencia humana.

Apparecerão successivamente após Hippocrates Galeno, Boerhaave, Stall, Van-Helmon, Brown, Rasori, e Broussais; vociferou a tuba do enthusiasmo cada um destes famigerados nomes, cujo echo retumbou em todas as plagas do mundo civilisado, porque cada um delles um reformador, um inventor significava; cada um destes innovadores metamorphoseou a seu grado a Medicina, edificando sobre alicerces em parte novos, em parte roubados às ruinas do systema precedente, que este havia por fim desmoronar, um novo systema, imagem a seus olhos da verdade elevada ao fastigio da evidencia, entre tanto que aos de outros evidencia só se mostrava e de sobejo na proclamação da verdade, mas não na verdade dos principios; cada um destes systemas, ou porque a novidade envolta no prestigio, que orna sempre a producção d'um genio, deslumbra mais, ou menos a razão do homem, ou porque a nitidez d'uma eloquencia eminent, emovendo vivamente, seduz quase sempre à convicção intelligencias menos cautas contra os artificios da dialectica, grangeou numerosos proselytos, entre muitos dos quaes alguns simultaneamente preconios e modificadores das ideas de seus mestres, porque o espirito d'innovação parece innato e profundamente arraigado no coração do homem, arvorados campeões se arrojaram à liça, e dos peitos fazendo baluartes contra o choque violento das injurias do inimigo, com aguerrido valor em defesa do pavilhão por seu chefe hasteado em busca do tropheo com as armas adversas suas armas encontrarão!

Qual porém tem sido o resultado de tão longas, tão calorosas pelegas em prol dos systemas, que as suscitarão? Nenhum, força é dize-lo: foi o destino de um a sorte de todos. Cada qual esculpio em caracteres indeleveis o nome de seu autor nas paginas da historia da sciencia; cada um chegou à eminencia do zenith da perfeição na opinião de uns, e ao ver de outros la mesmo estava profundamente sepultado n'um abismo de ignorancia; cada qual mereceu uma apothese, mas cada um bem depressa foi tambem ferido por um anathema; muitos d'elles em fim, senão todos, simulando um immenso foco de luz perenne para elucidar duvidas, que serão talvez eternas, quasi como o clarão d'um meteoro, que tão repentino scintilla, tão subito se eclipsa, brevemente o fulgor perderão, e se na voragem do tempo, onde tudo perece, e para sempre se esconde, completo olvido ainda a campa lhes não forma, os vestigios, que delles restão, quando a attenção de quem os reprova por via da memoria vem occupar, d'absurdos somente uma imagem representão: e eis de todos elles o principio e o fim!

E será por ventura possivel no estado actual da Medicina purificar d'hypotheses um systema para bazea-lo em evidencias, que tornem unanime a opinião de todos os medicos instruidos? Systema theorico seguramente não: firmemente o cremos, com pesar o deploramos!

O que é a Medicina? A sciencia do homem e a arte de o curar. O que é o Homem? Um composto de vida e materia. O que é a Materia do homem? E' a substancia solida extensa e impenetravel, de que se compõe esta massa organizada, geralmente designada pelas palavras — corpo humano —, que podemos ver e tocar, sem com tudo a conhecer em essencia; mas o que é Vida? Se na resposta quizermos mostrar, que estudámos Physiologia, poderemos dizer, que é uma substancia heterogenea da materia, que anima

o corpo, que é o principio, ou movel de todos os phenomenos organicos e mil outras cousas, que os mais celebres Physiologistas nos teem ensinado; porém se quizermos dizer o que é ella, definil-a, a resposta unica, mais clara e concisa, que podemos dar, é um doloroso — não sabemos — ou simplesmente — ignoramos. —

E' por tanto essencialmente a Medicina uma sciencia composta de duas partes mui distinctas a Anatomia e a Physiologia; e pois que a natureza da materia organisada, consequentemente a Anatomia, é ainda ignorada, assim como a vida, pelo que tambem a Physiologia, evidentemente d'isto resulta, que a Physica e a Chimica organica, a Pathologia e a Therapeutica, dependencias das primeiras duas, *a fortiori* ignoradas devem tambem ser: e eis n'esta ingenua confissão, infelizmente verdadeira, expressa e peremptoriamente demonstrada a causa, porque, em vez de um unico e positivo, tem a imaginação dos homens phantasiado um tropel de systemas, cujas theorias fluctuando n'um oceano d'incertezas, que mesmo a seus proprios autores podessem parecer provaveis, sinceramente duvidamos.

Mas dever-se-ha por ventura entregar por isso ao esquecimento a Medicina, eliminar do numero das sciencias a Therapeutica, e abandonar á natureza e ao acaso o homem, embora á existencia lhe impozesse aquella como condição o soffrimento, a morte como fim?

Será mesmo impossivel n'este estado de confusão, ou melhor d'ignorancia, concernente aos segredos da Medicina, ajudar por meio da acção d'agentes therapeuticos a Natureza a restabelecer no corpo do homem enfermo a harmonia, em que a saude consiste, interrompida pela influencia da causa, que á molestia deu origem? Não: tanto não ousariamos temerariamente afirmar, e até do contrario estamos profundamente convencido.

A Natureza, misteriosa em todos os actos funcioneaes do organismo humano, é muda, é bem verdade, ás interrogações do homem, que a razão d'elles procura conhecer; mas se pertende ciosa da de suas obras a mais estupenda, e da admiração infinita, que na contemplação do homem o mesmo homem desperta, para que nunca cesse, avida guardar para si só e unica a sciencia da maravilhosa organização e vida d'esse ser por excellencia entre todos os seres conhecidos do Universo, comtudo o não condemnou a tão completa ignorancia, que não possa elle ter conhecimento de muitas das leis, que presidem á conservação de sua propria vida, e por consequencia de muitos dos meios, de que deve servir-se, para remediar aos males, que são consequencia de uma perturbação de saude: a Natureza falla, e falla bem alto, exprime-se até com sublime eloquencia, mas é na observação dos factos, que o homem pode somente escuta-la, e ouvi-la, porque é so por factos que ella lhe indica as leis, que quer ensinar-lhe; é por consequencia somente *a posteriori*, que éstas leis se podem conhecer; é por consequencia somente experimental, que um systema se pôde organizar.

Feliz por tanto aquelle, que por vans illusoes se não deixou deslumbrar, presumindo conhecer n'um facto a razão d'elle, porque so assim se não enganará! Bemaventurado aquelle, que, profundo e escrupuloso observador, souber por via d'uma acertada classificação deduzir leis, a que fielmente se deva obedecer na grande acção do exercicio da Medicina, porque so elle fará o que deve, e é necessario fazer.

So a Medicina é pois para o homem uma sciencia d'observação, como, pelo que acima deixamos dito, mostramos crer, a Homœopathia deve ser para nós

de todos os systemas conhecidos na sciencia aquelle, que mereça a preferencia, porque é de todos aquelle, que tem por bases factos, que a observação fez conhecer, que a experiencia quotidiana crebras vezes confirma, e que um espirito eminentemente philosophico e fecundo soube aproveitar e coordenar, antes de se embrenhar no labyrintho das theorias, onde ordinariamente a razão se perde, mas a verdade se não descobre.

Samuel Hahnemann, a quem de ter sido Patria deve a Allemanha ufaná-se, foi o Medico para gloria de cujo nome a fortuna reservou a descoberta da Homœopathia. Observando este homem extraordinario, que a acção da quina, reconhecido especifico contra as febres intermittentes, perturbava o estado physiologico do individuo, que a ella se submettesse, dando causa a phenomenos mui semelhantes áquelles, que fazia no enfermo desaparecer, vislumbrou n'este incidente o germen d'uma nova Therapeutica, e procedendo immediatamente à experiencia, unica fonte limpa de todos os conhecimentos d'este genero, pôde com certesa convencer-se depois de vinte annos d'assiduos e afanosos trabalhos, que a lei dos semelhantes era a lei geral da Therapeutica. E'sta lei encerrava um methodo, mas Hahnemann não satisfeito com ter somente descoberto um methodo, porque a descoberta do novo methodo, um novo systema lhe fazia lobrigar, quiz tambem um systema formar, e com effeito formou-o.

Conhecer a molestia, conhecer as virtudes medicinaes dos medicamentos, e saber prepara-los, bem como as doses, em que convem administra-los, são, além do conhecimento do methodo, os principios sobre que deve, como bases, assentar-se todo o systema de curar.

Conhecer a molestia, Hahnemann o tinha aprendido estudando Pathologia; o modo de conhecer a virtude dos medicamentos, as experiencias, que o desengano á cerca da lei dos semelhantes o obrigou a fazer, necessariamente lh'o ensinário; a maneira porém de os preparar, e a quantidade, em que os devia administrar, se não foi a observação que lh'as mostrou, foi uma deducção philosophica do seu methodo, que lh'as fez conhecer, e cujo acerto logo depois a experiencia tambem confirmou: logo possuindo Hahnemann o conhecimento das bases de um systema, sobre ellas podia um systema erigir, e com effeito o erigio, e á consideração dos medicos denominado—Homœopathia—o offereceo.

Assim teve origem a Homœopathia; para que nascesse e vivesse no orbe da intelligencia humana, bem como quasi todas as demais verdades scientificas, de que o acaso lhe fosse pai, o mái a observação, porque n'esta foi gerada, e áquelle deveo principio, teve necessidade! Assim, bem como os demais systemas anteriores, a uns pareceo immediatamente melhor, que todos; a outros pelo contrario peor, que quantos creados havião sido, menos de um instante bastou, para como tal a conceberem, e condemnarem: e em verdade, quando a doutrina physiologica a inaudito furor cruento soltando redeas, sem respeito nem a factos, nem a razões, nem a autoridades um por um aggreidia com vehemencia todos os systemas até então conhecidos, e, sangue fazendo correr em borbotões, n'um mar de sangue parecia querer afoga-los, a Homœopathia nascendo, e ferindo-lhe logo de morte os mais culminantes dogmas, devia nos animos condoidos d'aquella enorme devastação seguro e prompto asylo, bem como implacavel rancor nos espiritos pelo Broussaisismo fulminados, infallivelmente encontrar: devia, sim, devia, dizemos nós, porque a experiencia nos mostra cada dia, que em vez de se darem ao trabalho de estudar e examinar, como convem, as coisas novas, e que por nenhum outro meio se podem saber e conhecer, os homens em geral, e ordinariamente tanto mais, quanto mais

instruïdos, presumem, ao que parece, que o seu saber tem chegado ao *nee plus ultra*, e que por isso não devem um so instante hesitar em declarar, e até dogmaticamente afirmar, se é verdadeira, ou falsa a asserção, ou doutrina, que pela vez primeira a attenção lhes occupa; e o que ainda sobre tudo admira, e é para crer-se tão difficil, como para dizer-se desagradavel, é quo mesmo, depois que o tempo, a experiencia e a razão com evidencia lhes mostram, substituindo á origem do erro a fonte do acerto, a temeridade, com que acreditarão, o orgulho, esse orgulho tão... improprio, que os fez errar, exaggerando-se, começa por fazer-lhes suspeitar, que os seus juizos devião ser infallivelmente verdadeiros, e, depravando-lhes a consciencia, corrompendo-lhes a probidade, e subornando-lhes emfim a razão, para que a verdadeira convicção dissimule com sophismas, que algumas vezes ainda a uns enganao, a outros persuadem, e até aos proprios autores muitas confundem, assim acaba!

Basta porém de censuras; com ellas nem de leve pretendemos sustar as altas funções do ministerio da razão de ninguem; com ellas não queremos exprimir, que os juizos dos outros devão aos nossos subordinar-se, nem tão pouco, que so n'estes a verdade se encerra; apenas aos nossos pensamentos queremos dar franca publicidade, porque sempre assim fizemos acreditando, que só assim deviamos fazer: creia por tanto quem quizer crer na Homœopathia, reprove-a, quem quizer reprove-la, que nós, respeitando sempre as opinioes, de quem respeito merece, porque a vaidade nos não cega, e a modestia nos permite estimar os limites, em que a natureza nos encarcerou a intelligencia, seguiremos sempre os impulsos de nossa consciencia; preferiremos sempre as convicções proprias ás alheias, porque o contrario até inconcebivel nos parece; prestaremos sempre inteiro credito aos factos, que testemunharmos sem prevenções; e quando por ventura argumentos, que a nossos olhos sejam faltos de fundamento, e despidos do caracter da evidencia, tendão a fazer-nos crer, que não vimos o que do ter visto estamos certos, bem longe de modificarmos a nossa crença, cada vez mais firme n'ella, com segurança responderemos, que argumentos são palavras, e que palavras por maior estrondo, com que soem, nunca assás força terão para abalar a Natureza, aluir-lhe os alicerces, desmorona-la, e precipitar assim na destruição a harmonia infinita e impérturbavel, que em cada um de seus actos com nitido esplendor se ostenta: argumentos são palavras, que exprimem pensamentos; pensamentos são os juizos, que a razão forma comparando ideas; e as ideas dos homens, se algumas vezes são realidades, muitas e as mais d'ellas tambem são verdadeiros phantasmas, *precipue* quando são hypotheticas: em fim se a isto nos objectarem, que os pensamentos e argumentos dos homens instruïdos sao a expressão da sciencia, nós ainda responderemos, que os factos são a voz da Natureza, e que, quando ésta e aquella mutuamente se contradizem, o erro é sem duvida da primeira, porque — *Nunquam aliud natura aliud sciencia dixit* —.

Terminemos aqui a nossa introdução, já talvez mais longa do que aos limites d'uma these convem, e declaremos com a ingenuidade, que caracteriza a expressão de todos os nossos sentimentos, que não é nosso fim sustentar n'ella as ideas de Hahnemann, nem de ninguem absolutamente, mas somente expor á consideração, de quem nos ler, o juizo singular, que fazemos á cerca da Homœopathia: fallaremos por tanto na ordem, que melhor nós parecer, das asserções, que servem de bases a este systema, e exprimindo o valor, que damos a cada uma, reputando-a certa, ou somente provavel, fielmente assim cumpriremos o dever, que no fazer ésta these simultaneamente nos impõe a consciencia e a lei.

CONCEITO INGENUO

A' CERCA DO VALOR

DA

HOMŒOPATHIA.

Quod mihi bonum
videtur, probro.

Derivada das gregas — *homæos*, semelhante, e *pathos*, molestia — a palavra Homœopathia é o epitheto designativo do systema de curar, com que Hahnemann enriqueceu a Medicina, porque o methodo deste systema consiste na applicação de medicamentos, cuja virtude therapeutica modifica o organismo semelhantemente à potencia, cuja acção foi a causa occasional da molestia, que por influencia d'aquella se projecta debellar.

A Homœopathia differe essencial e especialmente das doutrinas classicas no modo de estudar e considerar as molestias, no de estudar os medicamentos, na maneira de os preparar, e na de os administrar, pelo que toca à quantidade das doses; são éstas as asserções, que encerrao os principios, que lhe sao fundamento, a respeito de cujo valor vamos escrever.

Como deve o medico estudar no enfermo a molestia, de que quer cura-lo, de modo, que a comprehenda, se não exactissimamente, ao menos tão bem, quanto for possivel? De uma unica maneira: examinando escrupulosamente, sem ommissão de um só, todos os symptomas da molestia, porque são aquelles a verdadeira e unica expressão desta. Mas a causa occasional da molestia não é de todos o principal conhecimento e mais necessario à razão, que quer della conceber perfeita a idea, para que possa concebe-la? Não, cremos nós; a causa occasional de uma molestia não pôde, senão representar a imagem, quando material, ou a idea, quando abstracta, de uma potencia, por intervenção de cuja influencia a força activa, regente, ou animadora (como mais agradar, ou convier chamar-se-lhe) da organização, sendo modificada, se torna assim a causa efficiente das alterações de sensação, função, ou materia, que são para nós aquillo so, que a palavra molestia designa. Conceber, pois, que o conhecimento da causa occasional de uma molestia pôde fazer conhece-la, ao nosso ver seria o mesmo, que presumir, que a visão da combustão da polvora, que carregasse uma peça d'artilharia, podia a um surdo dar idea do estrondo, que é effeito da precipitação do ar no vacuo, que aquella succedeo.

Nós somos essencialmente vitalista, mas será sempre bom declarar, que fazemos grande differença entre vitalismo e espiritalismo, posto que nem espirito, nem vida conheçamos; todavia observando e conhecendo, se por acaso nos não illudimos, que um cadaver differe de um corpo vivo, e que a differença consiste em haver n'este aquillo, a que chamamos vida, ignorando, se ésta entidade é, ou não materia, nunca lhe chamaremos espirito, substancia, que a nossa razão, por mais que se esforce, conceber não pode,

para que não incorramos no vicio, que severamente reprehendemos de fallar em tom affirmativo, como quem conhece *a priori*, d'aquillo, cuja existencia sómente, e essa mesma *a posteriori*, se pôde conhecer, ainda que sejamos forçado a dar-lhe um nome, que a designe, porque o somos a conhecer-lhe a existencia.

Vitalista pois, como nos dizemos, concebemos o homem um composto de materia de diversos modos modificada e disposta pela sabia mão da Natureza, conforme os uzos, a que tem de prestar-se, dotada das propriedades communs a toda a materia, quer organica, quer inorganica, e de outras particulares sómente á ultima, formando um corpo, a que uma potencia de limitada duração, que denominamos vida, dá sensibilidade e movimento voluntario. Um dos seres, que forma parte desse grupo de individuos, cujo todo é o Universo, tem o homem com muitos d'elles relações indispensaveis de dependencia, que o tornão influente e reciprocamente influenciado: como corpo é por certos agentes materialmente, isto é, mechanica ou chimicamente modificado; como vida é de outro modo, isto é, physiologicamente influenciado. N'este jogo d'ações reciprocas o homem é passivo de dous modos, pelo que diz respeito ao resultado das influencias, que sobre elle operão, por quanto lhes succede, ou utilidade, ou damno para aquelle: formão a somma das que obrão do primeiro modo todas as que alimentao, ou curão; são as que restão, as causas occasionaes das molestias.

Suppondo o homem n'um estado perfeitamente physiologico, e actuando sobre elle um agente nocivo á saude, ou a vida ha-de ser sómente modificada pela acção d'elle, e assim a molestia será puramente dynamica, ou a materia, séde d'uma acção mechanica, ou chimica, ha-de tambem primitivamente soffrer, e deste modo a molestia será simultaneamente material e dynamica.

A duração d'acção das causas occasionaes das molestias é variavel; assim umas obrão instantaneamente, outras por longo tempo: o effeito secundario d'estas causas, a molestia, primitivo do d'aquellas, tornão causa efficiente d'esta, é igualmente variavel em duração, mas independentemente d'a das primeiras, por que apenas depende de sua propria natureza: ergo a molestia é um estado distincto, absolutamente independente da causa occasional, que o motivou, mais ou menos duradouro, e consistindo n'uma modificação anormal de sensação função, ou materia, resultado necessario da perturbação da potencia, cuja acção mantem, quando é normal, a harmonia do organismo, em outros termos — saude. —

Eis o modo porque encaramos a molestia e as causas de molestia: bazeado por tanto em concepções taes, repitamos, que o unico meio de conhecer uma enfermidade é estudar escrupulosamente todos os symptomas d'ella; accrescentemos, que o conhecimento da causa occasional, posto que muitas vezes util, nunca é todavia necessario ao medico para poder curar a molestia, e tentemos demonstra-lo.

Perturba-se a saude, saiba-se, ou não se saiba por accasiao de que causa, por acção de que potencia, succede-lhe a molestia, e os symptomas a annunciação: nada ha mais verdadeiro, nem positivo, nada mais constante, nem infallivel, porque á acção da causa se segue o effeito sempre: logo, se a um individuo duas vezes, ou a dois individuos uma vez uma mesma molestia accommettiver, os symptomas, que uma vez a manifestarem, outra vez a devem caracterisar tambem, porque as mesmas causas os mesmos effeitos produzem sempre: logo, se grupos de symptomas, tão diversos em natu-

resa, quanto em numero designaes, alterações de saúde exprimirem, as molestias, de que forem elles expressão, iguaes tambem não poderão ser, porque effeitos differentes são sempre produzidos por causas differentes: logo a molestia, que não for julgada pela totalidade dos symptomas, não será totalmente conhecida, nem convenientemente tractada. Será por ventura provavel, será mesmo apenas razoavel reputar identicas duas molestias, em que ha, e distinctamente se observão lezões inteiramente diversas, só porque em ambas uma, duas, ou tres das principaes em certos orgãos, appparelhos, ou systemas são identicas, ou apenas semelhantes? Não é antes mais sensato suspeitar pelo menos, que, embora cada lezão especial não dependa de uma causa occasional diversa, com tudo, sendo como ninguem ousará negar, cada uma lezão distincta das outras e diversa em natureza, no caso em que o for, um grupo de lezões em certo numero, e de certa natureza, será tambem diverso e não identico a outro grupo d'alterações differentes e dessemelhantes? Não nos parece apenas, Srs. Medicos, mais rosoavel, mais provavel; parece-nos certo, parece-nos evidente. Porque razão, depois de tantos seculos de existencia, e de tantos milhares de experiencias, permanece a Therapeutica (mas só a que não tem por baze a experiencia pura) e tambem a Pathologia (mas só a das classificações arbitrias) ainda hoje envoltas e identificadas com tamanha confusão, quão grande talvez não fôra a confusão do cahos, embora aos Pathologistas e Therapeutas ignota já não seja a realidade dos especificos? E' porque a Therapeutica, cuja baze não for a experiencia pura, não será senão a sciencia da ignorancia, como adiante o mostraremos; é porque a verdadeira Therapeutica é a Therapeutica dos especificos; é porque a Therapeutica dos especificos é uma consequencia necessaria da Pathologia das individualidades morbidas; é por que as individualidades morbidas são uma verdade incontestavel, que a totalidade e a diversidade dos symptomas, a especificidade therapeutica, e ainda as sympathias e idiosyncrasias, *prorsus sine mente sona*, peremptoriamente demonstrão.

Antes que Hahnemann ensinasse aos medicos o modo, por que se pôde formar a idea mais exacta, que é possivel formar-se, das molestias, os autores das nosologias, parece, que á porfia se empenhavam em confundir cada vez mais as ideas actuaes do tempo, em que vivião; cada um a seu prazer estabelecia differenças sem fundamento; cada um descrevia uma molestia de muitos modos, caracterizada por symptomas mui diversos, e terminava a sua descripção, confessando ingenuamente, que o numero dos symptomas indicados podia ainda soffrer augmento, ou diminuição em casos particulares, segundo as idiosyncrasias individuaes, e a susceptibilidade das sympathias &c.; cada um empregava para combater as enfermidades medicamentos, que não conhecia, senão porque alguém antes houvera affirmado, que tal medicamento curava tal molestia; ou porque depois de tentar todos os meios ensinados sem proveito, ao acaso um novo experimentava, a cuja applicação se seguia a cura do doente, feliz, porque a Providencia permittira, que a escolha acertasse!

Qual porém podia ser o resultado de tamanha irracionalidade, tanto em Pathologia, como em Therapeutica? Nenhuma, senão a desordem e o erro, porque havendo a mania de dar o mesmo nome a molestias desiguaes, além de ser ainda cada uma de per si variavel, sem typo certo, as classificações bazeadas sobre incertezas só á confusão e á desordem se podem equiparar: por outro lado, fazendo depender o tractamento do nome da molestia, por

quanto assegura a doutrina classica, que sem diagnostico certo não pôde haver tractamento razoavel, e o diagnostico parece não ter por fim, senão a denominação da molestia, segue-se infallivelmente, que ordenando-se o mesmo tractamento contra molestias diversas, se commette um erro, que não pôde ser, senão damnoso ao enfermo.

Eis, no que acabamos de dizer, não um prognostico, que queiramos deduzir de principios, que arbitrariamente estabelecemos, porém verdades, que a observação, as obras e os autores todos concordes attestão; e quem n'ò-lo negará? Qual é a obra classica, na qual se nao encontra os defeitos, de que fallamos, qual o medico, cuja pratica os não confirma? Nenhuma, nenhum; e nem uma, por que nenhuma das primeiras ensina a distinguir, como convem, as molestias umas das outras, nem o tractamento, que a cada uma se deve applicar, nem outro, por que nenhum dos ultimos, que aos preceitos d'aquellas obedecer, poderá deixar d'obter os resultados infalíveis da pratica erronea, que segue. D'isto se deduz por tanto com evidencia, que, se o mesmo tractamento não produz em dois, ou mais casos, igual resultado, é por que as molestias, contra que foi empregado, erão diferentes; e como a differença das molestias não se pôde conhecer perfeitamente, senão pela totalidade dos symptomas, porque não ha outros phenomenos, que constituao a expressão das alterações, em que aquellas consistem, senão estes, segue-se com a mesma evidencia, que um so d'elles se não deve desprezar, por que cada um tem uma significação especial, que é necessario conhecer. Deus et Natura nihil faciunt frustra!

Concluamos pois o que temos a dizer a este respeito, observando, que em vez d'attribuir com tom de certeza certos phenomenos morbidos a sympathias, idiosyncrasias &c., palavras mysticas, como a attração em Astronomia, espirito em Metaphysica, afinidade em Chimica &c., e despreza-los no exame dos doentes, para curar-lhes as molestias, seria melhor, banindo da sciencia essas palavras, porque ainda que signifiquem realidades, nos casos, a que nos referimos, para a intelligencia do medico sao ellas iguaes ao nada, e por consequencia de nada a idea de um nada lhes pode servir, e menos sobre tudo para poder attribuir-se-lhes effeitos de uma força, que para serem causas impreterivelmente devem ter, mas que se lhes não conhece, e consequentemente affirmar-se, que existe, é com certeza impossivel, estudar, como Hahnemann ensinou, as virtudes therapeuticas dos medicamentos, para que, quando seja preciso curar uma molestia, depois d'estudada tão bem, como for possivel, se empregue contra ella com conhecimento do que se faz, e não ao acaso, um medicamento homeopathico, por que quando o medicamento a certas condições reúne esta qualidade, não ha sympathias, nem idiosyncrasias, que opponhão resistencia à acção proficua, que elle infallivelmente produzirá, com tanto que a molestia seja ainda curavel.

As causas occasionaes das molestias, ou obrão instantaneamente; e apoz a sua acção a molestia permanece, ou em acção por muito tempo, depois que esta se formou, ambas coincidem, dissemos antes. Supponha-se o primeiro caso; v. g. uma pneumonia aguda, que tivesse por causa occasional a impressão repentina de um ar mui frio no corpo de um individuo, a quem uma mui elevada temperatura fizesse estar em copiosa transpiração: chega o medico à cabeceira do doente, examina-o, reconhece uma inflamação aguda nos pulmões, e sabe, que lhe foi causa occasional, a que acima determinamos. Como deve elle obrar n'este caso? Combaterá pelos meios,

que a sua Medicina lhe indica, as alterações morbidas, que os *symptomas* lhe fizerem conhecer, porque são ellas a molestia, e é a molestia o que se deve extinguir, porque, é a molestia o mal, que se quer destruir, e cujas consequências evitar: não combaterá a causa occasional, porque nem ella é a molestia, nem obra ainda, nem existe ja: empregará em fim os mesmos meios, de que se serviria, se a molestia, embora houvesse provindo d'outra causa occasional, se manifestasse com tudo pelos mesmos *symptomas*, porque se estes são a expressao d'aquella, sendo iguaes em dois casos, quer no mesmo, quer em differentes individuos, os estados, que representam, tambem são necessariamente iguaes, e consequentemente a potencia, que um delles modifica deste ou d'aquelle modo, modificará tambem igualmente o outro.

Figure-se agora a hypothese d'uma molestia, tendo por causa occasional a acção permanente d'um agente qualquer nociva á saude; v. g. uma insidiosissima esophagite, complicada com uma ferida já em suppuração, em consequencia do contacto de um osso demorado por tres dias no canal, que suppomos séde da inflammação; *tolle causam! tolle causam!* bradaria a Medicina physiologica, e sem duvida com muita razão, por que a duração d'um effeito, consequencia necessaria d'acção d'uma causa, ha-de infallivelmente ser constante, em quanto aquella não cessar, e por isso o corpo estranho devia quanto antes remover-se; mas é isto bastante para curar a molestia, ou melhor ainda pode-se dizer, que a subtracção do osso neste caso, acção de consequencia puramente negativa, curaria total, ou mesmo parcialmente a molestia! Nem apenas exprimir, que alguém o creia, usamos, porque de haver alguém, que o creia, duvidamos. Este é sem duvida um dos casos, em que o conhecimento da causa occasional é util, é bem verdade, e a remoção della necessaria; porém a molestia, que é o complexo formado pela inflammação, solução de continuidade, suppuração, &c., contra cuja duração e progresso, se o medico não empregar a acção de substancias, que tenham a virtude de excitar a vida á reacção, que neutralise a acção, a que esses phenomenos morbidos succederão, e a que ainda devem a duração, ha-de impreterivelmente aggravar-se, porque o aggravamento de uma molestia é sempre o que inevitavelmente resulta d'abandona-la á discricção da natureza, quando a natureza, que aqui não é, senão a mesma vida, espontanea, ou necessariamente não pôde, desde que a molestia adquirio um certo grão d'intensidade, sem a intervenção de uma potencia estranha, reganhar o equilibrio entre si e a organização, que outra potencia semelhante lhe fez perder. D'isto se deduz ainda uma prova da nossa primeira asserção a respeito dos meios de estudar uma molestia para conhece-la; e na verdade, se apoz a remoção da causa occasional a enfermidade perseverou, restando ésta a dissipar-se, necessario é evidentemente conhece-la, e por consequencia estudar-lhe os *symptomas*, por quanto são estes e nada mais a expressao d'quella, o que peremptoriamente se demonstra, dizendo, que se fosse possível haver molestia sem *symptomas*, qualquer que fosse, não se conheceria.

Estabelecamos em fim uma terceira supposição, que com quanto não diffira essencialmente d'uma das primeiras, com tudo se não sabe, a qual dellas é igual; é o caso de uma molestia, a que se attribue como causa occasional um miasma ou um virus; v. g. uma febre intermittente, a sypphilis, &c. Em primeiro lugar o que são virus e miasmas? Quanto aos primeiros, se não forem confundidos com puz, como muitas vezes acontece, não conhecemos

palavras, que ensinam á razão, qual é a idea real, que delles deva conhecer; por quanto uma substancia subtil e imperceptivel é substancia, de que, a não ser uma idea abstracta d'existencia sem sujeito d'inhesão, que é realmente uma chimera, outra se não pôde formar: os miasmas estão no mesmo caso, e por isso sem negarmos a realidade de taes entidades, nem tão pouco a influencia, que se lhes attribue, diremos com tudo, que, ignorando a sua natureza, e o modo por que obrão, o saber, que uma molestia teve causa occasional n'acção delles, de nenhum proveito pôde ser ao medico para d'ahi inferir, que este tractamento convem, e aquelle, ou é inutil, ou nocivo.

Consideremos a questão ainda por outro modo; supposta uma enfermidade com causa occasional em uma d'quellas entidades, operão éstas como no ultimo caso das primeiras duas hypotheses, isto é sobredura a acção morbida á formação da molestia, ou como no primeiro, isto é, actuaõ ellas instantaneamente, e depois são consumidas, ou expellidas da organisação, perseverando a molestia? E' duvida, que ainda a sciencia não solveo; mas felizmente é duvida, cuja solução nada pôde aproveitar á practica da Medicina, no estado actual da sciencia, porque, se os miasmas e os virus são causas occasionaes do primeiro genero, depois que deixão de obrar como taes, não se extingue por isso a molestia; se obrão como as do segundo, sendo impossivel conhecer-lhes a natureza, e por isso a duração, impossivel se torna tambem deduzir do conhecimento de sua existencia somente o dos meios proprios para anniquila-las.

Cumpra agora fallar da causa efficiente das molestias, que, segundo o nosso modo de pensar, e como já o declarámos, é a perturbação d'acção normal da vida. Para sustentar ésta asserção, acreditamos bastante dizer, que, se é absolutamente impossivel conceber anormal a acção da vida, quando a organisação e o funcionalismo organico nada tem de anormal, do mesmo modo impossivel é conceber a menor alteração funcional ou organica, sem ser ella effeito necessario de uma perturbação, ou irregularidade da acção normal da vida. Eis pois a causa de molestia, que convinha perfectamente conhecer, por que é de tal natureza, que destruida, teria por effeito necessario e immediato a substituição da enfermidade pela saude; mas eis tambem infelizmente a causa, cuja natureza nem se pôde actualmente conhecer, nem talvez um dia na immensidade do futuro, por que em quanto se não conhecer o que é vida em essencia, de certo se não poderá conhecer o que em essencia é alteração da acção normal da vida.

Eis pois, se nos não enganamos, traçado em breve o quadro actual da Pathologia para os medicos de todas as seitas; estudar escrupulosamente todos os symptomas, porque são elles e nada mais para o medico os interpretes das molestias, eis unica e somente o que o medico aprende estudando Pathologia; eis o unico meio, que elle possui para conhecer, que um individuo está doente; eis da molestia o que unicamente elle pôde conhecer, e nada mais!

Similia similibus curantur, é a lei geral de Therapêutica, que constitua o methodo do systema homieopathico.

E' sem a menor duvida incontestavel, que todo o agente therapeutico de qualquer natureza, que seja, modifica physiologicamente o organismo humano, por, que se assim não fôra, nenhuma molestia poderia por effeito d'acção de qualquer substancia tal ser desfeita: d'aqui se segue por tanto, que nenhum medicamento ha, que não seja um verdadeiro agente morbido, a cuja

acção possa uma molestia succeder; e ésta deducção mais que evidentemente en-
sina, mais que imperiosamente impõe ao medico o dever de obrar com cir-
cumspecção na prescripção do medicamento, que para combater qualquer mo-
lestia empregar, para que a acção d'elle em vez de util, nocente se não
torne.

Estabelecido pois o principio « a cura de uma molestia dinamica é sempre
o effeito d'acção physiologica de um medicamento » segue-se, que, se se co-
nhecesse perfeitamente a acção anormal do principio vital, tanto em natu-
resa como em modo, e o mesmo acontecesse a respeito da do medicamento,
conhecer-se-hia tambem infallivel e indubitavelmente o methodo unico (ou
os methodos, sendo possivel obter-se o mesmo fim por mais de um) pelo
qual se pôde fazer succeder á acção de um agente therapeutico a cura de
uma molestia, e o conhecimento desse methodo, pertencendo á classe das
theorias, pouparia á razao dos medicos as divagações pelo territorio do ideal
para provarem *a priori* aquillo, que absolutamente não podem conhecer, se-
não *a posteriori*, daria fim ás controvérsias, que derivão, ou da ignorancia
de qual é melhor, ou do capricho de sustentar, que um é aos outros pre-
ferivel, e em fim assignaria o termo á necessidade, impreterivel, porque
a sciencia das razões falta, de recorrer ás enfadonhas e laboriosas experi-
encias para traduzir pela observação as phrases sentenciosas, que nos factos
a Natureza sempre unisonas exprime, quando é interrogada por uma intel-
ligencia, que sabe comprehende-la e interpreta-la; mas infelizmente aquillo
é impossivel, e somente isto é que tem lugar, por quanto é somente á
posteriori, que hoje se sabe curar uma molestia, quer pelo methodo dos
semelhantes, quer pelo dos não semelhantes.

O acaso, como dissemos na introduccão, fez conhecer a Hahnemann, que
a acção da quina perturbava o estado physiologico de qualquer individuo,
dando origem a phenomenos morbidos intermitentes semelhantes áquelles, que,
constituindo o estado pathologico de qualquer enfermo, como especifico fazia
desapparecer. Convencido da verdade deste facto, o grande reformador da
Medicina mui judiciosamente suspeitou, que a quina talvez não fosse um agente
therapeutico singular, a que a Natureza por excepção exclusivamente devol-
vesse a potencia de fazer desenvolver n'um individuo sao uma molestia se-
melhante áquella, que n'um enfermo fazia dissipar; pelo contrario obser-
vando, que a Natureza sábia e prudente é em tudo, nem podia deixar de
sê-lo, para que nas obras da creação pudesse haver a harmonia em todo o
sempre admiravel, que a razao do homem, ainda que se force a não que-
re-lo, a todo o instante irrecusavelmente reconhece, methodica, systematica,
com mais probabilidade acreditou antes, que em vez d'uma singularidade ésta
coincidência demasiadamente notavel talvez dependesse de uma lei geral, e
que embora a ignorancia do porquê, a condieção necessaria, para que uma
cura pudesse operar-se pela acção de um medicamento, fosse o haver nelle
a virtude de produzir desarranjos morbidos semelhantes aos que pôde fazer
dissipar provocados por causa diversa. Interrogar pois a Natureza, examinar
a connexão, que ha entre a acção dos medicamentos nos dois estados, em que
o homem pôde viver, e verificar em fim, se ha, e se é possivel conhece-los,
especificos therapeuticos, bem como os ha morbidos, porque se ésta sus-
peita se converter em realidade a Medicina dos especificos, quando não seja
a unica verdadeiramente digna deste nome, ha-de ao menos ser a melhor
e mais certa de todas, ha-de aos miseros doentes poupar longos tormentos.

ha-de ainda, além de desfazer os perigos inherentes ás molestias curaveis, evitar os danos e riscos fataes, que aos das enfermidades os tractamentos irracionais accumulão, em sua sublime intelligencia tanto comprehendendo Hahnemann, e por uma rara sagacidade inspirado em curto lapso de tempo a Natureza forçou por factos a confessar-lho, e d'então data a pratica da Medicina dos especificos por systema exclusivo.

Para chegar por tanto a este fim Hahnemann experimentou em si mesmo, em todos os membros de sua familia e pessoas de sua amizade, em cujas almas pôde arraigar o sentimento de dedicação ao bem da humanidade oppressa pelo soffrimento das molestias, um grande numero de medicamentos, de cuja applicação convenientemente feita em casos de enfermidades caracterizadas por *symptoms* semelhantes aos effeitos secundarios dos medicamentos empregados, obteve resultados portentosos (soffria-se, que, em attenção ao estado da Medicina d'então, assim exprimamos um phenomeno, posto que considerado absolutamente nada offereça de maravilhoso) na cura de molestias agudas recentes, pelo que respeita á rapidez e segurança, e na das chronicas tão seguros, posto que mais lentos.

Estas asserções exprimem factos incontestaveis, que de certo tem uma razão theorica, mas qual ella seja, eis o escolho, em que embatem quase todas as verdades das sciencias, posto que positivas, chamadas hypotheticas; todavia como a razão do homem, que as estuda, parece não contentar-se, sem pelo menos raciocinar a respeito da explicação dos factos, que observa, o descobridor da *Homœopathia* disse o que lhe parecia mais provavel á cerca do facto em questão, mas com a circumspecção, que se observa nas palavras de um homem instruido e sensato, não só não asseverou, que o seu juizo era infallivel, ao contrario porém expremio, que tinha em pouco a explicação hypothetica dos factos, e na verdade o reconhecel-a, ou não, de nenhum modo pode modificar a lei, que os rege, influir sobre a regularidade de produção d'elles. Hahnemann assim se expressou na 28.^a proposição do seu *Organon* « *Comme cette loi thérapeutique de la nature se manifeste hautement dans tous les essais purs, et dans toutes les expériences sur les resultats desquelles on peut compter, que par consequent le fait est positif, peu nos importe la théorie scientifique de la manière dont il a lieu. J'attache peu de prix aux explications, que l'on pourrait essayer d'en donner. Cependant celle qui suit me semble être la plus vraisemblable, parce qu'elle repose uniquement sur des données fournies par l'expérience* » e apoz ésta continua na seguinte dizendo, que sendo a divisa do medicamento homœopathico a virtude de provocar phenomenos morbidos semelhantes áquelles, em que a molestia consiste, parece provavel, que, para que o órgão ou orgaos affectados possam ser modificados pela acção do medicamento, deixem de soffrer a modificação produzida pela causa da molestia, porque em verdade parece difficuloso conceber, que um mesmo órgão soffra simultaneamente duas molestias semelhantes, distinctas, e que substituida a molestia primitiva pela modificação provida da influencia do medicamento, a qual é sempre tão leve, que a natureza sem necessidade de socorros estranhos por meio de uma reacção prompta e espontaneamente debella, a cura se opera assim facil e radicalmente.

Eis o juizo de Hahnemann á cerca do modo, por que a molestia succede a cura por effeito da acção do medicamento homœopathico; porém nós, que nem mesmo a probabilidade, que n'elle Hahnemann acha, encontramos apenas, coherente com o nosso modo de proceder confessamo-lo com franqueza; por

quanto, se é lei geral, que uma molestia se extinga por effeito da invasão de outra semelhante, com tanto que um pouco mais intensa, não concebemos, por que singularidade não ha-de o mesmo acontecer com a produção de uma molestia dessemelhante; e embora se nos responda, que além da semelhança entre a molestia primitiva, e a que o medicamento homœopathico provoca, ha de mais a identidade de sede, insistimos ainda, sem todavia negar a influencia, que esta circumstancia possa ter, em manifestar a nossa duvida, porque nem a ultima, nem ambas reunidas as condições, de que fallamos, vestem de evidencia a asserção, que discutimos; além disto accresco, que se não dá na theoria de Hahnemann apreço á differença, que ha, entre os estados physiologico e pathologico, e nós acreditamos, que ao menos não é irracional suppor, que esta differença influa sobre o modo d'ação do medicamento, pois que é mui provavel, senão certo, que, para que um medicamento obre d'este ou d'aquelle modo, ou melhor, para que a acção d'elle se siga este, ou aquelle effeito, é necessario, que a organização em geral, ou em particular, se ache n'este, ou n'aquelle estado; e por consequencia, que se um agente therapeutico influe de certo modo sobre a organização em certo estado, em estado opposto a este, aquelle produza um effeito opposto ao primeiro.

Seja por tanto, qual for, a razão d'ação dos medicamentos homœopathicos, quer seja ella a mesma, tanto no estado pathologico, como no physiologico, quer diversa em ambos elles, o que é certo, e de que não podemos duvidar, é, que o medicamento especifico de uma molestia é aquelle, por effeito de cuja acção o estado physiologico de um individuo se perturba, tornando-se morbido semelhantemente ao da molestia, que por influencia do mesmo pôde ser curada.

Terminaremos pois o que diz respeito á lei dos semelhantes, dizendo, que reputamos a todos preferivel o methodo homœopathico, isto é, o dos especificos, por que embora desconheçamos, em que consista a especificidade dos medicamentos, e o modo, pelo qual exercem a sua acção, com tudo conhecemos, que não ha medicamentos de acção tão certa, como os d'esta classe, de resultados tão seguros e preciosos, como os homœopathicos, em prova do que lembramos, que não ha discipulo, partidista, e até mesmo entusiasta de alguma das escholas franceza, italiana, ou ingleza, que menospreze o emprego dos especificos, embora com elles misture os seus indispensaveis antiphlogisticos, contra-stimulantes &c., convencido de que o seu methodo geral de tractamento é de per si so impotente contra certas molestias, que só por influencia dos primeiros, e de nenhum outro, podem ser extinctas: em fim nós folgamos em dizer, que ainda não conhecemos um só medico instruido e probo d'aquelles, a quem temos fallado a respeito, ou cujas obras temos lido, que toquem na questão, que ingenuamente não confessem, que Hahnemann fez inestimaveis serviços á Medicina na descoberta de grande numero d'especificos, que antes d'elle jazião confundidos nas Materias Medicas com as yagas denominações de tonicos excitantes &c. &c.

Parece-nos tão obvio o ser a experiencia pura, isto é, a experimentação dos medicamentos no homem são, o unico meio, pelo qual se pôde haver com certeza conhecimento da acção das substancias therapeuticas, que julgamos em verdade, se não occioso, pelo menos desnecessario para provar a verdade d'esta asserção, quanto em favor d'ella possamos dizer.

Toda a substancia, cuja acção pôde concorrer para a cura de uma moles-

tia (não fallamos dos meios mechanicos) modifica physiologicamente a organisação do animal enfermo, como antes estabelecemos; e como toda a modificação physiologica na organisação, excepto aquella, que desfaz uma molestia, é molestia, é incontestavel, que a acção de um medicamento, que não curar uma enfermidade, dará causa a novos phenomenos morbidos, e assim o medico, que lhes não conheça a origem, crerá, que a molestia, progredindo, se manifesta por maior numero de symptomas, empregará novos medicamentos, e se estes obrarem como o primeiro, perseverando no erro, não só não opporá obstaculo ao progresso da doença primordia, mas ainda a deixará tornar-se mais grave, quer pela intensidade, que lhe provém da antiguidade, quer pelas complicações, que resultão de um tal tractamento.

A humanidade e o bom senso exigem pois, que o verdadeiro medico tenha consciencia do que faz no exercicio da tao nobre, qão delicada profissão sua; e se a Natureza sujeitou o homem enfermo á necessidade impreterivel de expor-se ás arriscadas consequencias d'acção de agentes, que, se em certos casos podem os soffrimentos extinguir-lhe, tambem podem aggravar-lhos, e outros novos procurar-lhe, é mais que manifesta, e mais que urgente a necessidade, que tem o medico de discriminar entre todos os phenomenos morbidos os que são expressão da molestia principal d'aquelles, que são producto de um errado tractamento. Haverá por ventura medico instruido, que desconheça esta verdade, e não tema o remorso d'expor ao perigo eminente, que de um tractamento barbaro pende sobre a vida do seu semelhante, esse infeliz, cuja afflicção aos ouvidos e á arte lhe brada « socorro! » Ingenumente cremos, que não, e bem pelo contrario estamos convencido, de que um so medico instruido não ha, que não clame contra o abuso no emprego de medicamentos, cuja influencia pôde ser de consequencias funestas; um so além de instruido, probo, que não trabalhe continuamente por ceifar da Medicina os abusos e imperfeições, que ainda hoje superabundão n'ella; que com avidéz se não aproveite dos ensejos, que a razão, a observação, ou ambas juntas lhe offereção para expellir da sciencia um erro, e encher a lacuna, que elle deixa, por uma verdade inestimavel, onde a certeza d'aquella e o interesse da humanidade, uma a par do outro simultaneamente brilhem, e n'ella o medico se espelhe: a experiencia pura constitue um d'esses ensejos; cumpre pois, que os medicos d'elle se aproveitem, para poupar á Therapeutica ordinaria as asperas censuras, que quotidianamente os animos consciós de sua imperfeição contra ella dirigem, e firmar com o character da certeza os conhecimentos e regras, cujo todo esse nome designa.

Assim como cada um dos agentes essencialmente morbidos tem um modo particular d'acção, e a exerce dentro de certos limites, e de preferencia sobre certa, ou certas partes da organisação, do mesmo modo os medicamentos sempre uniformemente modificão physiologicamente o organismo em casos certos. Os medicamentos são empregados, porque o estado pathologico actual de um individuo exige a acção de um agente d'aquella natureza, para dissipar-se, mas esta acção deve sempre ser tal, que se limite á producção do effeito apenas necessario; por quanto embora possua muitas vezes um medicamento a virtude de curar certas alterações morbidas em certos casos, n'outros, em que a molestia conste apenas d'algumas d'essas alterações, mas não da reunião de todas as que devem formar o grupo, entre o qual e o das que a acção do medicamento produz, haja homœopathicidade, ao effeito

do medicamento se hão-de seguir as ultimas, que além de poderem ser danosas de per si sos, podem ainda complicar a molestia primeira, tornar-lhe a cura mais difficil, e algumas vezes talvez de todo impossivel. O que dizemos d'acção de um medicamento, que pôde ser util em parte, com mais razão diremos d'aquelle, que não puder ter, senão uma influencia nociva; e pois que n'um enfermo nunca se poderá distinguir o que é a molestia, que se quer curar, do que é effeito nocivo de um medicamento empregado, sem previo conhecimento de todos os de que elle pôde ser causa, a experimentação dos medicamentos no homem são, unico meio, pelo qual o medico pôde adquirir aquelle conhecimento, é indispensavel a todo o individuo, cuja missão for o exercicio da Medicina, e que em vez de verdadeiro medico, ou no menos tão bom, como se pôde actualmte sê-lo, não quizer ser antes um flagello da humanidade, e sobre tudo na occasião, em que de um outro flagello está ella a perseguição soffrendo ja.

Terminaremos o que julgamos necessario dizer em favor da experiencia pura, transcrevendo aqui algumas palavras de Düring, que não pôde ser suspeito, por que se com sinceridade fez justiça ao que achou bom na Homœopathia, tambem lhe não poupou censuras no que lhe pareceo máo « Les homœopathistes, diz elle em sua obra intitulada — De l'Homœopathie, nouveau système en Médecine, ses avantages, et ses dangers — pag. 89 ultimo periodo » à mon avis, ont une grande supériorité sur les autres médecins, en ce que, d'après les principes de l'Homœopathie, on ne peut faire usage d'un seul remède, sans en connaître, autant que possible, toutes les propriétés, et dans toutes les circonstances.

Loin de mépriser leurs travaux, il faut nous hater d'en profiter; il faut les suivre et les imiter dans cette vaste carrière des expérimentations thérapeutiques.

Riche de ces nouvelles connaissances, la Médecine rationnelle marchera d'un pas plus ferme, et arrivera plus sûrement et plus promptement au but, qu'elle se propose d'atteindre.

Entremos na questão das doses. Em primeiro lugar, é por ventura possível attenuar tão consideravelmente, como o assegurarão os homœopathas, os medicamentos, ou não?

Respondão-nos factos positivamente demonstrados, até hoje incontestaveis, e por quem das sciencias medicas bem tenues noções possui apenas não só conhecidos, mas firmemente acreditados: responde-nos o grão d'almiscar, pesado pelo grande Haller depois d'haver pelo espaço de 40 annos, sem perder um atomo de peso, continuamente exhalado cheiro no recinto d'um quarto, onde por tanto tempo houvera permanecido, e saturado por consequencia a atmosphera, que o enchia; responde-nos o fio de sêda, qual o bicho o produz, com 360 pes de comprimento e um so grão de peso; responde-nos os 4:000:000 de partes *distinctamente visiveis*, em que se pôde dividir o grão de ouro, com que Robert Boyle cobrio 50 pollegadas quadradas de superficie; responde-nos a côr, que, por uma experiencia do mesmo chimico, a dissolução ammoniacal d'um grão de cobre fez tomar a 28:534 gottas d'agoa; responde-nos em fim o fio de platina de Wollaston, o de teia d'aranha examinado pelo microscopio de Réaumur (se é que o tal instrumento não tem a propriedade de transformar em teias d'aranha, e a *fortiori* um fio da mesma, os objectos, que com elle se observão, por quanto ver, que um d'estes fios se compõe de 60:000 outros, parece-nos muito ver, e ainda mais contar,) a luz e todos os outros

exemplos de incomprehensivel divisão, que poderíamos citar, e de que, a nosso crer, ninguém duvidará; e d'estas respostas concluamos, mesmo so, se ninguém mais o quizer connosco, que os medicamentos não so podem ser pela divisão levados ao grão d'exiguidade, em que os homœopathas os administram no tractamento das molestias, mas que ainda a muito maior attenuação se poderião talvez mechanicamente reduzir; e talvez que o seião no misterioso laboratorio humano, onde as maravilhas da Physiologia a cada instante se confundem com os phenomenos puramente materiaes da Chimica inorganica!

Inceptemos agora outra questão mais importante, que a primeira, e talvez a de mais difficil credito para os antagonistas da Homœopathia, e vem a ser a da possibilidade d'acção das doses homœopathicas. E' com effeito possível, que as exiguidades homœopathicas modifiquem physiologicamente a organização? De certo, positivamente sim; e do materialismo, que constitue a essencia da crença do contrario á cerca dos medicamentos, muitos e bem graves emanão erros, da sciencia subversivos, fataes á humanidade!

E' verdade e verdade incontestavel, que não é uma acção puramente material, como a da combinação de dois corpos inorganicos, nos quaes não ha senão materia, posta em movimento por influencias somente materiaes, a de um medicamento, a que succede a cura de uma molestia; tal acção é essencialmente physiologica, por que tal o é o nascimento d'uma molestia, e tal ainda a cura d'uma enfermidade, como a vida e a morte o confirmão, por que so durante a primeira podem curas effectuar-se, depois da ultima já não; a influencia curativa dos medicamentos não é; repitamol-o, accrescentando agora um — por consequencia — puramente material, quer physica, ou chimica, mas sim é physiologica: um medicamento não tem força (fallando de medicamentos referimo-nos ás doses homœopathicas) para modificar primitiva e directamente a organização lesada, mas o medicamento tem a faculdade d'influir sobre a potencia, que subordina a organização, do numero de cujos actos a producção da molestia é um, a operação da cura é outro, e para tal influencia exercer, tem um medicamento força de sobra na dose fraccionaria, a que o processo pharmaceutico da Homœopathia, em varios grãos, o reduz, porque influencia de tal natureza evidentemente não depende da quantidade da materia, mas antes, se a alguma condição material está subjeita, é bem provavelmente ao grão de divisão do agente em questão.

A verdade de que a exiguidade das doses não pôde servir de motivo a uma objecção, senão futilissima, á força therapeutica da substancia medicinal, é objecto, que, a nosso ver, não carece de demonstração. Um susto forte, uma paixão vehemente &c. são agentes morbidos, são causas occasionaes de molestias, algumas vezes pouco graves, outras tanto, que fataes: ora se as doses homœopathicas não podem actuar por serem *nihilidades*, como podem agentes Moraes, que nem apenas *nihilidades* são, produzir, permita-se-nos a expressão, tão enorme acção, se a acção das causas occasionaes das molestias é analogá á dos medicamentos, tanto que entre umas e outras não ha differença, senão no resultado d'acção, e por consequencia deve depender da mesmas condições?

A materia odorifera de muitos corpos é um agente morbido, bem como therapeutico em muitos casos, e a Medicina classica o reconhece e ensina; ésta substancia, ninguém d'isso duvida, é imponderavel, e se é imponderavel, Senhores, que vos atreveis a determinar os limites da quantidade, além

dos quaes a materia não pôde como medicamento influir para a cura de uma molestia, muito menos capaz de produzir acção dependente de quantidade cumprida, que fosse, do que a minima dose homœopathica, por quanto nenhum de vós affirmará, que a menor particula, das que constituem uma d'essas doses, é imponderavel: ora vós admittis a primeira, e até a ensinaes; creastes a segunda, e firmes a sustentaes; se reconheceis pois, e ploclamaes a verdade de duas premissas, como, sem zombar da Logica e da intelligencia humana, ouzareis negar a verdade da conclusão necessaria, que d'ellas se deduz?

Dêmos ainda um terceiro exemplo: invade o ar de um paiz um veneno miasmatico (unanimemente assim se crê nos casos d'epidemias); investe os habitantes, que o povoao, esse raio de morte; á furia, com que attaca, á força, com que corrompe, á avidéz, com que destrõe, faz a Medicina minguada opposição, tenue resistencia de balde a vida oppõe, até que vencida, para sempre desaparece; ao seio da terra descem cadaveres aos centos, e os cemiterios gemem sob o peso d'enormes montões de podridão e ossada; suspeita-se, que a atmosphera, de ar se convertêra em miasmas (tão grande é o augmento da devastação!); analysão os melhores chimicos o fluido atmosferico, como em França, no tempo, em que a cholera-morbus parecia ameaçar o paiz com a proxima necessidade de um novo seculo de Pyrrha, e embora, em vez de miasmas, se encontrem ar, e ar tão puro, como o que envolve o Monte Branco, todavia, porque se sabe, que a causa occasional da epidemia é um miasma, que existe suspenso n'atmosphera, obedecendo á voz do medico, longe os ares atroão roucos trovões d'artilharia, e de louros em chamas negras nuvens espessas de fumo se elevão, que o ar purifiquem d'essa peste infernal, que pela ruina, de que é causa, apenas se conhece!

Que dedução inferir pois d'estes factos? Ainda que uma quantidade de materia, inapreciavel pelos meios ordinarios, é impotente para influir physiologicamente sobre a organisação, ou então, que essa condição da exiguidade, em vez de destruidora da possibilidade d'acção, pelo contrario lhe dá incremento? Pronunciamo-nos em favor da ultima. Nenhum medico ignora a influencia da divisão sobre o desenvolvimento das virtudes therapeuticas dos medicamentos; todos sabem, que ha substancias medicinaes, cujas propriedades se não manifestão, senão por effeito d'um certo grão de divisão; todos sabem, que, segundo o grão de divisão, muitos medicamentos ha, que produzem effeitos diversos; todos conhecem, que, conforme o grão de divisão, um so medicamento nas mesmas quantidades actua com mais, ou menos energia; todos reconhecem, que a força d'acção d'um medicamento está na razão directa do grão de divisão (salvas as excepções) em que elle se acha; todos podem pois, mesmo so pelo pensamento, sem recorrer á experiencia, conceber, que, se um grão, v. g. de um medicamento não dividido produz um effeito igual a uma certa unidade, e dividido em 10 partes produz um effeito, supponhamos quadruplo do primeiro, concorrendo cada uma das partes decimaes da divisão com o seu contingente para a producção do effeito, é evidente, que cada uma d'ellas de per si produzio uma parte do effeito total maior, do que a que produziria, se obrasse não separada das outras, mas reunida a ellas em uma so massa, como no primeiro caso, por quanto em ambos elles todas as partes, de que se compõe a massa total, obrarão, mas a somma total dos effeitos parciaes foi desigual nos dois casos com a differença de um para quatro, como na hypothese estabelecêmos: con-

sequentemente por um raciocinio analogo, em vez de suppormos a quantidade de um grão de qualquer mediezmento, que a Medicina ordinaria prescreva em tal dose, dividido em dez partes, podemos suppo-lo dividido em 10, 20, ou 30:000 partes, e igualmente concluiremos, que a 10 * 20.* ou 30:000.* parte de um grão terá uma energia d'acção muito maior, do que teria, se em vez de separada do resto das outras, cuja somma compõe um grão, obrasse reunida a ellas; e ésta energia, posto que muito menor, do que a de um grão, e a de qualquer parte fraccionaria do grão, com tanto que maior do que $\frac{1}{30.000}$ da unidade, será todavia sufficiente, para produzir uma acção, capaz de modificar a força vital de modo, que opere a cura de uma molestia, como a observação o demonstra.

Além d'estes raciocinios, que acabamos de expender, e que julgamos assaz para provar a efficacia das doses homœopathicas, chamaremos apenas de passagem, por que pata mais é ja tarde, a attenção dos incredulos nossos adversarios sobre a sua propria crença a respeito do processo, pelo qual devem os medicamentos passar, para que possão obrar, isto é, a absorpção; e para que melhor lhes façamos sentir o que quereamos, offerecer-lhes-hemos aqui a copia de dois periodos da obra do Doutor Paris, que tem relação com a questão « Where medicinal bodies are insoluble and indisposed to undergo those essencial changes, *in transitu*, which render them operative, for it must be remembered, that by minute division every particle is presented to the stomach in a state of activity being more immediately exposed to the solvent, or decomposing powers of that organ »

« The degree of a medicine may perhaps be regarded by some praticioners as a circumstance of but little, or no importance: it will however appear in many cases, that it not only influences the activity of a remedy, but, like its dose, goes far to determine its specific operation; indeded where a medecino is not in itself very soluble, the increase of its solubility by any chemical expedients, tantamount to an increase of its dose.

Lembrar-lhes-hemos ainda a influencia da trituração, que pela electricidade, que desenvolve, d'algun modo ha-de provavelmente modificar a actividade therapeutica dos medicamentos homœopathicos, de cuja preparação constitue o methodo aquella operação; e para concluir o que diz respeito a ésta questão, perguntar-lhes-hemos com o sincero Durringe, se, pois que não creem na efficacia das doses minimas « oseraient-ils recavoir sur une plaie vive la décillionième parcelle de l'écumé d'un chien enragé? »

D'envolta com a questão precedente, o mesmo em outros lugares, temos bem claramente dado a conhecer, que no nosso entender a acção dos medicamentos, de que pôde ser consequencia a cura de uma molestia, é essencialmente dynamica. Na introdução declarámos, que ignoravamos a essencia da vida, posto que a existencia lhe conhecessemos, e de tal modo, que nem duvida a respeito podiamos ter; com igual franquesa na continuação d' ésta these algumas vezes fomos ainda do mesmo modo sincero em analogas declarações, porque nem ellas, nem a deficiencia, que ellas exprimem, prejudicão á verdade de factos, que são realidades, a cuja comprehensão a intelligencia, a cuja convicção a consciencia do homem não pôde negar-se, quando á primeira os sentidos as mostrem, e, que não ha illusão, a segunda conheça, embora, muito embora a razão do que se vê, igualmente se não conheça; agora, que vem a proposito tractar directamente

d'esta questão, e que cumpre por isso expender os argumentos, que possam servir de prova à asserção, que nos parece verdadeira, como nada podemos de mais valor, ao que antes em diversos lugares, e que para este fim devia servir, acrescentar, nem faremos improficuas repetições, nem tempo gastaremos em novas ideas emittir; todavia, para que a consciencia nos não deixemos incompletamente satisfeita, se o proprio juizo pretermittirmos, que ao valor dos argumentos, a que nos referimos, concerne, como ja mais de uma vez havemos feito, sem esperar, que alguém n'o-lo advirta, confessaremos, que esses argumentos não tem o caracter das provas positivas, é bem verdade; porém como a impossibilidade, em que nós, e os que conosco pensão, estamos, de conhecer a verdadeira e unica razão do facto é a mesma, que aos nossos adversarios impede tambem demonstrar, que é a verdadeira a sua opinião, nós seguindo sempre a nossa maxima, se nunca pudermos com elles na nossa, ou na sua unanimes accordar, falgando, por que em erro se nos não possa com certeza convencer, de que estamos, com modestia diremos, « Somos homem; como a vossa temos uma intelligencia, como vós por consequencia a faculdade de pensar, o direito inaufervel de escolher, e o dever impreterivel de preferir.

Uma grande differença ha ainda entre a Homœopathia e a Medicina classica, em cuja ommissão por esquecimento no exordio incorreremos, que é a simplicidade, com que aquella prescreve o emprego dos medicamentos em opposição á ultima, que quase não faz uma prescripção, onde mais de uma substancia activa se não ache a outras reunida, á cerca da qual diremos tambem duas palavras.

Não ha medico instruido, acreditamo-lo, a qualquer seita, que pertença, (exceptuamos os Homœopathas) que desconheça o grande atraso, em que ainda actualmente estacionaria a Therapeutica está; todos comprehendem, quão longe dista da perfeição esse estado; todos conhecem o sem numero d'abusos, que nas misturas se commette, e os males immensos, e muitas vezes fataes, que d'elles são consequencia; muitos, cujo saber impõe respeito, entre outros Bichat e Rostan, cujas palavras, não as tendo de cór, deixamos d'aqui escrever, porque nem n'uma virgula desejamos enganar-nos, asperas censuras lhes não feito, mas nenhum ainda até hoje, senão os Homœopathas, os tem emendado, graças á Providencia, que parece ter inspirado o immortal Allemão, que tantos e tão inestimaveis serviços em tão curto tempo á Medicina prestou!

As experiencias de Hahnemann ensinarão-lhe, e a todos os medicos, que cada medicamento de per si, em vez de apenas, v. g. tonico, excitante, adstringente, ou narcotico &c., é fecundo em effeitos mui diversos, quando convenientemente preparado para ser administrado; as mesmas experiencias lhe mostrarão ainda, que do emprego de duas (ou mais) substancias activas simultaneamente resulta, ou a neutralisação reciproca das acções de ambas, ou a opposição d'ellas entre si, o que de nenhum modo pôde convir á cura d'uma molestia, no primeiro caso, porque a acção, de que o effeito dependia, se inutilisa; no segundo, porque ha uma influencia, que se em todos os casos não é nociva, em muitos pode sê-lo. Nós não ousaremos negar, que da reunião de muitas substancias resulte um composto, que tenha propriedades diversas das de cada um dos componentes, e as desenvolva depois de soffrer a acção do organismo, como os allopathas creem, e sustentão, porque não temos razões positivas ainda neste caso, com que pos-

samos provar, que elles se enganam; com tudo dir-lhes-hemos, que no nosso entender é muito mais provavel, que isto seja antes uma illusão, do que a crença de uma verdade; por quanto, sendo certo, como elles mesmos ensinão, que nenhum medicamento pôde actividade desenvolver no interior da organisação, sem ser absorvido; sendo certo, que a absorpção de qualquer substância se não pôde effectuar, sem que aquella esteja em certo grão de divisão, muitas vezes maior do que aquelle, em que é exposta a esta operação, e que por consequencia ha-de previamente ser dissolvida pelos fluidos organizados do estomago, ou do orgão, em que aquella tiver lugar, para que possa te-lo; sendo certo, que muitas das substancias, que são absorvidas, soffrem n'esta operação algumas vezes apenas modificações em sua natureza, outras completa decomposição, bem como na solução no succo gastrico &c., e incerto quando isto nao acontece, e porque não, não se poderá com muita circumspecção por tanto asseverar, que o effecto therapeutico de um composto empregado é resultado de uma virtude nascida da composição. Diz o Dr. Paris em sua pharmacopeia allopathica. « The powers of the stomach would seem to consist in decomposing the *ingesta*, and reducing them into simpler forms rather than in complicating them, by favouring new combinations. Em outro lugar diz ainda o mesmo autor. « On the other hand substances may be medically inconsistent, which are chemically compatible as I shall have frequent opportunities of exemplifying » e em verdade não é necessario ser ignorante para fazer taes mixtoes, e não conhecer-lhes o resultado; basta somente desconhecer os effectos, que um medicamento é capaz de produzir, e o engano terá lugar.

Seja embora pois possivel, ou não, que a acção de um composto possa, como á de um simples, seguir-se tão bem uma cura, ou não; decomponhão, ou modifiquem apenas, ou nenhuma das coisas aconteça, os fluidos organisados os medicamentos compostos, insistiremos em dizer, que n'êta incertesa deve sempre o bom senso ao d'estes preferir o emprego dos simples, não só porque já a observação ensinou, que em cada caso de molestia um só medicamento é capaz de excitar a força vital a tornar-se ao estado physiologico, mas ainda e sobre tudo para evitar os incidentes damnosos, que por ventura possam nascer do emprego de compostos, além de superfluos, de effectos conhecidos sem certesa, e emfim para não reproduzir em preparações pharmaceuticas a imagem do cabos, qual nestes versos Ovidio a descreve:

Obstabatque aliis aliud, quia corpore in uno

Frigida pugnabant calidis, humencia, siccis,

Mollia cum duris, sine pondere habentia pondus.

Resumamos em proposições o que na dissertação havemos dito.

A Homœopathia é um systema de curar, cujo methodo consiste no combater a molestia por meio dos semelhantes.

O conhecimento da tctalidade dos symptomias é somente quanto basta, mas é indispensavel, para bem conhecer uma molestia.

O conhecimento da causa ocasional de uma molestia apenas é util, mas muito necessario, quando é ella de acção permanente.

O conhecimento da causa efficiente de uma molestia é de todos o mais importante; mas é sempre impossivel, porque consiste n'uma alteração anormal d'acção da força vital.

Todo o medicamento tomado pelo homem são, observadas certas condições absolutamente necessarias, dá causa a phenomenos morbidos.

O medicamento, que produz phenomenos morbidos, os mais semelhantes possível, e em numero iguaes, salvo pequenas differenças, aos de uma molestia, é especifico d'essa molestia.

A divisão dos medicamentos pôde levar-se quase ao infinito por meio da trituração.

No estado morbido uma quantidade de medicamento demasiadamente diminuta é sufficiente, para dar causa á cura de uma molestia aguda ou chronica.

Os medicamentos estão para a cura, assim como os agentes morbidos para a molestia.

Os medicamentos devem ser sempre applicados sem mistura de outra substancia, que não seja um vehiculo innocente.

Para alm cumprirmos o dever, que a lei nos impõe, a derradeira palavra eis já deixámos escripta; para concluirmos a these a ultima brevemente vai da penna cair-nos. Escrevemos sobre a Homœopathia, e neste escripto duas coisas tivemos por fim; uma completar a serie de habilitações, que impreterivelmente a lei nos exige, para fazermos o transitio d'a d'estudante á cathogoria de medico; a outra pagar á verdade um tributo, que á verdade não pode negar um homem sincero e modesto: a Homœopathia curou-nos, salvou outra vida, que nos era preciosa, a vida de um homem, que sempre o seria, se mesmo a Fortuna nos não obrig... (basta, que isto não é necessario) nós por força devemos dizer, que a Homœopathia pôde curar; nós podemos, se não devemos, por tanto em uma these sustentala. E por que a não sustentariamos? Por que não ha na Eschola cadeiras, que ex-professo d'ensina-la se occupem? Não; ésta ommissão nem nos tolho o sustentarmos ideas, que a Academia reprove, porque uma lei da Faculdade n'o-lo permite, nem é motivo para concluir-se, que os Membros desse corpo a reprovem. Mas, se com effeito a reprovão? Ainda o direito de defende-la nos fica illeso, e então pela coincidência d'este com essa razão o simples poder se converteria em dever pelo ardor, com que desejamos a verdade distinguir da illusão em todas as coisas, e em todos os tempos; sim; deveríamos aproveitar a occasião para pedir, que a sciencia nos convencesse, mas nunca convencer-nos somente, por que assim se nos ensinasse: reputámos sempre, desde que a conhecemos, um verdadeiro contra-senso a maxima de Bacon. « Oportet discentem credere, et jam edoctum judicio suo uti »: não; no seculo 19.º, em que se conhecem os males, que nascerão do fanatismo, nem por sonhos pôde alguém, que ou seja instruido, ou queira sê-lo, tentar reproduzir o « Ipse dixit » de Pythagoras; no seculo 19.º, em que o grande adiantamento das sciencias é a mesma luz, que faz ver as trevas, em que muitas verdades profundamente envoltas ainda se escondem, é muito mais phylosophico pensar com Velpeau, e dizer, como elle diz em seu « *Traité des accouchements* » Les sciences forment une république, où chacun doit être libre de chercher, d'examiner, d'avoir ses opinions, et de dire ce qu'il pense. La vérité est le but avoué de tous ceux qui les cultivent » Se por tanto, a condição unica para pensar, examinar, e opinar é o ser intelligente, nós o somos; e o sermos ainda discipulo, se como tal ainda hoje devemos ser considerado, não sendo motivo para sujeitarmos cega,

ou servilmente a nossa razão a razões , como a nossa , o defendermos a Homoeopathia perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro deve ser para nós um motivo de gloria , por que discordar da opinião de um mestre , não é não conhecer a opinião d'um mestre , é sim conhece-la , e por julga-la peor , outra preferir-lhe reputada melhor ; deve ser para nós um motivo de gloria por demonstrarmos , que nem o receio de um damno , nem o desejo de um lucro pôde da honra fazer affastar-nos , nós , que queremos ser medico , que queremos exercer a mais nobre profissão , que na sociedade pôde exercer-se , a profissão d'essa classe de homens , dos quaes cada um deve ser um typo de honra , um symbolo de probidade ; deve para nós em fim ser um motivo d'orgulho , releve-se-nos esta confissão , porque forçando-nos a consciencia e a razão a preferir a Homoeopathia ao systema , que se nos ensinou , e por consequencia a crermos , que quem comnosco não pensa , se engana , em apoio de nossa dignidade , exprimindo com modestia os nossos pensamentos , pleno de jubilo um ensejo encontramos , no qual , porque temos certeza , podemos dizer com Zimmermann (Traité sur l'experience) Il faut pouvoir dire à son maître — tu t'es trompé — et non pas toujours — tu l'as dit —

FIM.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Quo in morbo somnus laborem facit, lethale; si vero somnus juvet non est lethale. Sect. 2.^a Aph. 1.^o

II.

Ubi somnus delirium sedat, bonum. Sect. 2.^a Aph. 2.^o

III.

Quicumque aliqua corporis parte dolentes dolorem ferè non sentiunt, iis mens ægrotat. Sect. 2.^a Aph. 6.^o

IV.

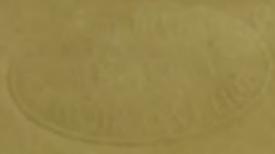
Elleborus periculosus est sanas carnes habentibus: convulsionem enim inducit. Sect. 4.^a Aph. 16.^o

V.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum. Sect. 7.^a Aph. 1.^o

VI.

A vomitu singultus, et oculi rubri, malum. Sect. 7.^a Aph. 3.^o



Esta These está conforme os Estatutos da Escola de Medicina.

Rio de Janeiro 9 de Dezembro de 1844.

O Dr. *Manoel de Valladão Pimentel*.